

Referências bibliográficas

- BENNETT, M. J. (1993). Intercultural communication: a current perspective. In: *Idem* (ed.). *Basic Concepts of Intercultural Communication*. Yarmouth, USA: Intercultural Press, p. 1-34.
- BROWN, H. D. (2000). *Principles of Language Learning and Teaching*. White Plains Longman.
- ELLIS, R. (2003a). *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- _____ (2003b). *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- JACOB. L. K. (2004). Diferenças Motivacionais e suas Implicações no Processo de Ensino/Aprendizagem de Espanhol como Língua Estrangeira. In: *Conselo, D. A. & Vieira - Abrahão, M. H. (orgs.) Pesquisas em Linguística Aplicada: ensino e aprendizagem de língua estrangeira*. São Paulo: UNESP. Pp. 31-54.
- LANTOILE, J. P. (2000). Second culture acquisition: cognitive considerations In: *Hinkel, E. (ed.) Culture in second language teaching and learning*. 2 ed. Cambridge, UK: Cambridge UP, 28-46.
- LIBBEN, G. & Lindner, O. (1996). Second Culture Acquisition and Second Language Acquisition: FauxAmis? *Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht* [Online], 1(1), 14 pp.
- NORRIS-HOLT, J. (2001). Motivation as a Contributing Factor in Second Language Acquisition. In: *The Internet TESL Journal*, VII (6). <http://tesl.org/Articles/Norris-Motivation.html>
- OLIVEIRA, J. (2001). *Brazil: a guide for business people*. Yarmouth, USA: Intercultural Press.
- SANTOS, JANE C. D. dos. (2003). *TU ou VOCÊ?: uma questão de identidade cultural*. Dissertação inédita. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- SINGER, M. R. (2000). The role of culture and perception in communication. In: *Weaver, G. R. (ed.) Culture, communication and conflict - readings in intercultural relations*. Rev. 2nd. Ed. Boston: Pearson Publishing. Pp. 28-53.
- STERN, H. H. (2003). *Fundamental Concepts of Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press.

"TRADUÇÃO PEDAGÓGICA" ENFOQUES LINGÜÍSTICO E INTERPRETATIVO

Irène Zohra Séréro Cervo
Universidade de Brasília

Resumo: Este trabalho tem por objetivos: 1) revisar o conceito tradicional de "tradução pedagógica como exercício de "transcodificação", operação exclusivamente lingüística, ainda praticado no ensino universitário das línguas estrangeira; 2) confrontá-lo a um novo conceito de tradução comunicativa e interpretativa, fundado na Teoria Interpretativa da Tradução, voltado para a interação social e o sentido textual, que deve ser o verdadeiro objeto da tradução, seja ela pedagógica ou profissional; mostrar, por meio de um quadro comparativo, os usos e funções da tradução, segundo o enfoque que lhe é dado, justificando assim a necessidade de mudança na abordagem desta modalidade de uso da língua-gem.

1. Introdução

A teoria e a pedagogia da Tradução têm um papel importante a desempenhar no movimento de implementação e de fortalecimento da abordagem comunicativa no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras. Este papel pode ser determinante quando preconizam que o foco tradicionalmente voltado para a configuração lingüística do texto seja reorientado para a busca dos sentidos dos atos de fala, quando incitam o aprendiz a ultrapassar o nível de análise e de manuseio de estruturas e enunciados lingüísticos e a enfatizar o uso "pragmático" da linguagem. Sua intervenção no ensino da língua, na medida em que privilegia a observação do aspecto cognitivo dos processos de recepção e de produção intra e inter-lingüística, pode ajudar a despertar a consciência de que a estrutura da língua não fornece uma significação original e predeterminada de seus enunciados, de que a palavra, por si só, não revela seu sentido, mas que este emerge, durante a relação dialética entre interlocutores, texto e leitor, quando do ato de leitura ou de produção textual, de uma rede de correspondências que se estabelecem entre essa palavra e diversos outros segmentos ou elementos do texto, do para-texto, do contexto e da situação de enunciação.

Conceitos e princípios fundamentais da Teoria Interpretativa da Tradução, também chamada Teoria do Sentido (Seleskovich & Lederer, 1984; Lederer, 1994), elaborada na ESIT (École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs) da Universidade de Paris, visando à formação de tradutores profissionais e da Pedagogia da Tradução, oriunda desta teoria (Delisle, 1980), são explorados na obra de Lowault (1998) que preconiza, a partir do modelo de tradução comunicativa e interpretativa, uma reconsideração do conceito, dos usos e das funções da tradução pedagógica (expressão utilizada por Delisle para designar o exercício da tradução utilizado no meio escolar com a finalidade de ensinar/aprender uma língua estrangeira) e uma modificação do enfoque do exercício da tradução na aula de língua estrangeira.

A elaboração de um quadro comparativo de dois enfoques de tradução (lingüística e interpretativa), que refletem duas abordagens de ensino de línguas (formal e comunicativa), conceitos de língua/linguagem, de papéis dos agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, muitas vezes antagônicos, tem por objetivo facilitar a avaliação, por parte destes agentes, dos dois tipos de práticas pedagógicas envolvendo a tradução, enfatizar a distorção do conceito tradicional de tradução, as implicações de seus usos e funções e os benefícios que resultariam da compreensão plena desta modalidade de linguagem interlingüística em que se constitui a

tradução, de seu processo, bem como da necessidade de mudança de método na realização da tarefa de traduzir.

2. Mudança de enfoque no ensino das línguas estrangeiras

Crenças estreitamente associadas ao ensino tradicional de línguas têm gerado distorções graves na compreensão e aplicação de conceitos e princípios que determinam a abordagem de ensino de muitos professores de língua estrangeira de segundo e terceiro graus, reduzindo o à transmissão de regras e normas de usos lingüísticos ligadas à utilização de insumo limitado a enunciados descontextualizados, frases soltas, estruturas lingüísticas, locuções e expressões idiomáticas.

O movimento comunicativo incorporou novos conceitos de linguagem, ensino, aprendizagem, cuja aplicação didática pode propiciar uma benéfica mudança de abordagem de ensino das línguas estrangeiras. A linguagem, sob o enfoque comunicativo, é vista, além do objeto da lingüística tradicional (o enunciado, entidade abstrata, virtual, descrito e analisado independentemente das condições contextuais de produção e recepção), como discurso, interação, prática social e experiência textual¹.

Segundo Stern (1992), devemos distinguir, na operação de ensino-aprendizagem das línguas, atividades

didáticas predominantemente voltadas para o reconhecimento e manuseio de formas e propriedades funcionais da língua e outras essencialmente orientadas para a produção e recepção de mensagens, a comunicação e a interação verbal e social. A "tradução pedagógica" pode, em função do enfoque que lhe é dado (lingüístico ou interpretativo), caracterizar-se como atividade formal, predominantemente lingüística ou como atividade comunicativa e interativa. A ruptura com o movimento de abordagem de ensino gramatical não pode prescindir da reavaliação, por parte dos agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, do conceito e dos usos e funções da tradução na aula de língua estrangeira.

3. Usos da tradução no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras

Sabemos que muitos professores de língua estrangeira, no Brasil como na França, voltaram a fazer uso da língua materna e da tradução em suas aulas. Algumas pesquisas comprovam o retorno, no meio escolar e universitário, da prática da tradução lingüística, fundamentada na análise contrastiva de enunciados verbais descontextualizados. Esta realidade remete a uma concepção reducionista da língua (sistema composto de vocabulário + conjunto de regras gramaticais + normas de uso), entranhada no senso comum e ainda vigente no meio educacional, que, com certeza, trava o movimento de abordagem comunicativa no ensino-aprendizagem das línguas.

3.1. Tradução lingüística

No ensino tradicional, a tradução aplica-se a segmentos lingüísticos descontextualizados. Adquire a forma de exercícios de confrontação das duas línguas, com a finalidade de controlar a compreensão ou de manipular e fixar (memorizar) os elementos componentes da língua estrangeira, entender o funcionamento de cada um dos sistemas lingüísticos, compreender como cada língua recorta o mundo, transmite informações, expressa sentimentos.

A famosa obra de Vinoy e Darbelnet, *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, publicada em 1958, mas que, até hoje, serve de fonte de inspiração e de referência a inúmeros tradutores e professores de língua estrangeira, foi qualificada pelos seus autores de *Método de Tradução*. Na verdade, trata-se de um trabalho muito original e importante de análise contrastiva, de aproximação e confrontação das duas línguas (francês e inglês), mas que traz em seu bojo um conceito reducionista da tradução, com enfoque essencialmente lingüístico, consolidado pelo introdução, na mesma obra, da noção de unidade de tradução (UT), ou seja, o sintagma ou o menor segmento lingüístico constituído por palavras cuja coesão é tal que não podem ser traduzidas separadamente. Vinoy e Darbelnet determinam critérios lingüísticos como as funções gramatical, semântica ou prosódica, para efetuar o recorte do texto a traduzir. Esse recorte evidencia a estrutura e o funcionamento da língua. O tradutor parte do significado, atualizado pelo co-texto, dessas unidades de tradução e efetua suas operações de transferência dentro do domínio da semântica.

¹ Fairclough (1995).

3.2. Tradução interpretativa

A partir dos anos 80, diversos estudiosos da Tradutologia, como Delisle (1980), Ladmiral (1979) e Lavault (1998), passaram a manifestar sua oposição a essa visão da tradução, negando à análise exclusivamente fundamentada na linguística comparativa a condição e o status de Método de Tradução, e alegando que o processo de tradução - que Perignier (1993) define como o conjunto de mecanismos mentais e cognitivos ativados durante as diversas operações que compõem o ato global de tradução - discursiva ou textual não se restringe a operações de análise contrastiva e de busca de equivalências funcionais. De fato, todos concordam em dizer que o conhecimento do funcionamento das línguas é indispensável ao tradutor, mas que esse saber, por si só, é insuficiente para reconstruir o sentido do texto, elemento essencial da comunicação e encontrar, na língua de chegada, as equivalências textuais compatíveis com as situações sócio-culturais de produção e recepção dos atos de fala.

Reagindo contra o que considera um grave equívoco no ensino da tradução profissional e na formação de tradutores, Delisle, em sua obra *L'Analyse du discours comme Méthode de traduction* (1980), apresenta um método de tradução de textos pragmáticos (francês-inglês) baseado em conceitos, princípios e técnicas de análise discursiva e textual.

Orientado para o ensino das línguas estrangeiras, um novo tipo de tradução pedagógica textual, preconizado por Lavault (1998), encontra seus fundamentos na Teoria interpretativa da

tradução. Essa teoria, por sua vez, incorporou diversos conceitos e princípios de teorias de linguagem, como a Análise crítica de discurso (Fairclough, 1995), a Linguística de Textos (Morand, 1979) e a Interação verbal (Kerbrat-Orecchioni, 1981) e buscou subsídios em outros domínios, como a neurolinguística, para melhor entender os mecanismos cognitivos e mentais ativados durante o processo de comunicação e interação verbal e de tradução. Esse tipo de tradução aplica-se a textos autênticos, oferecidos aos alunos em sua integralidade, acompanhados dos parâmetros referenciais necessários à plena reconstituição da situação sócio-cultural de produção e de recepção textual, permitindo assim a percepção e o reconhecimento dos diferentes componentes do esquema da comunicação (Lakobson, 1963) gerador do texto, como o emissor/receptor e sua bagagem cognitiva (que determina as condições de recepção da mensagem), os elementos do conteúdo sócio-cultural (mediato, institucional, societário (Fairclough, 1995).

A tradução textual, com enfoque interpretativo, requer dos agentes envolvidos na tarefa de traduzir uma visão expandida do conceito de tradução que ultrapasse os limites da linguística para penetrar outros domínios do conhecimento. Esta visão expandida da tradução implica também uma visão expandida da língua, linguagem, leitura, compreensão e interpretação textual. Para Lederer (1994), há dois níveis de produção e recepção do texto: um nível semântico (linguístico) e um nível cognitivo. A tradução permite delimitar

3.3. O método de tradução textual

Segundo os fundadores da Teoria Interpretativa da tradução, o método de tradução textual deve incorporar etapas distintas e sucessivas:

a. uma etapa de *leitura crítica*, oriunda da Análise de discurso, com enfoque comunicativo, numa relação dialética entre o leitor em que este, através do discurso, não só entende e aprende o que é oferecido pelo texto, mas também utiliza esses dados para construir novos conhecimentos, atribuindo-lhes valores e sentidos;

b. uma etapa de *análise discursiva*, com avaliação, não só dos elementos linguísticos, mas também do conteúdo e da organização textual, da estilística e dos procedimentos retóricos que devem subsidiar a interpretação textual;

c. uma etapa de escolha de *equivalências discursivos e textuais* suscetíveis de restituir as unidades de sentido inseridas no texto. O ensino da tradução, com enfoque interpretativo, mostra a interação constante dos diferentes elementos que integram compreensão e interpretação.

Enfatizam ainda o fato de que, no modelo interpretativo, a compreensão antecede e condiciona a reformulação textual. Lembra-se que, na tradução pedagógica tradicional, o processo de tradução é outro: o texto é recortado em unidades de tradução, a partir de critérios linguísticos; a compreensão desses segmentos da língua de partida se confunde com sua reformulação na língua de chegada; as etapas de

o lugar que cabe à compreensão da língua e o que cabe à compreensão e interpretação do texto. Focando a língua do texto e o nível de significação das palavras e das frases, o tradutor tende a cair na armadilha da literalidade. Ao contrário, quando integra a sua análise elementos situacionais e contextuais, interdiscursivos e intertextuais, sua versão alcança um segundo nível de compreensão: a interpretação textual. Os complementos cognitivos são os que o receptor do texto agrega a sua competência linguística para realizar a interpretação dos enunciados. A situação de emissão e recepção do enunciado integra um conjunto de dados cognitivos que regulam sua interpretação. A alíse aparece em todos os níveis da linguagem (na palavra, na frase ou no texto): o não-dito, o que é implícito, aludido ou subentendido, mas supostamente conhecido, resgatado e integrado ao explícito pelo receptor da mensagem participa da construção do sentido do texto.

O sentido de um enunciado é cognitivamente mais amplo que seu conteúdo semântico: ele abrange e ultrapassa o significado semântico. Capturado no nível da interpretação, o sentido é o produto do encadeamento e da síntese dos significados dos elementos linguísticos e de outros significados extralinguísticos, discursivos, textuais e contextuais, explícitos ou implícitos, resgatados da situação de recepção ou produção verbal ou construídos durante o processo de interação verbal e social texto/aluno, estando este no papel de receptor ou de produtor do texto. A compreensão e, portanto, o produto de uma interação entre o texto e o receptor do texto.

compreensão e de reformulação ocorrem, portanto, de forma concomitante ou até mesmo de forma invertida, quando a reformulação ocorre primeiramente, para então se chegar à compreensão, ou em casos extremos, mas não tão raros, sem que haja compreensão do trecho traduzido.

4. Confrontação de dois modelos de tradução

O modelo de tradução pedagógica, preconizado por Lavault, visto sob enfoque comunicativo, ligado a uma concepção interpretativa do sentido, e a conceitos oriundos de teorias linguísticas, psico-cognitivas e interacionistas, com seus usos e suas funções, é comparado, no quadro 1, ao modelo de tradução tradicional, reflexo de uma abordagem formal da linguagem, tão combatido no

meio de ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras, mas ainda freqüentemente utilizado. O quadro em

que são confrontados os dois enfoques de tradução e as implicações de seus usos na aula de língua pode contribuir para uma melhor compreensão, no meio escolar e acadêmico, do processo de tradução, como ato de comunicação interlinguístico e como modalidade de uso da linguagem. Pode contribuir também a mostrar que a tradução, quando bem conduzida, representa, não só um meio eficaz de aprendizagem da língua estrangeira, mas também de conscientização e apropriação dos conceitos linguísticos, psicopedagógicos preconizados na literatura sobre as tendências atuais de ensino das línguas e de formação geral do aluno.

Quadro 1: dois enfoques de tradução pedagógica

Tradução pedagógica	Enfoque linguístico tradicional	Enfoque comunicativo/interpretativo
Objetivos gerais	1. Aprender a língua 2. (LE); 2. saber sobre a língua 2.	1. Comunicar nas línguas 1 (LM) e 2 (LE); 2. saber fazer nas línguas 1 e 2; 3. aprender a traduzir (inicialmente da LE para a LM, posteriormente nos 2 sentidos).
Objetivos operacionais	Verificar a compreensão de palavras, expressões, estruturas da LE; fixar os conhecimentos sobre a LE.	Reconstruir e transferir o sentido de um texto na LE ou língua de partida na forma de um texto em língua 1 (LM ou língua de chegada).

Objeto/material linguístico	1. Língua (LE = objetivamente linguístico); 2. segmentos da língua estrangeira; expressões, sentenças, estruturas.	1. Discurso (objeto linguístico e sociocultural); 2. textos integrais e autênticos em língua de partida, apresentados com todos os parâmetros referenciais necessários à sua contextualização.
Tarefa do tradutor e procedimentos de tradução	1. Escolha, na língua de chegada, de equivalências semânticas (para os enunciados da língua de partida); 2. substituição de material linguístico por outro; transferência linear dos significados da língua de partida para a língua de chegada; 3. a atualização semântica das palavras, realizada em função do co-texto, é linguística.	1. Escolha, na língua de chegada, de equivalências textuais, visando à restituição dos sentidos do texto de partida (sentidos resgatados pela interação texto/leitor), em função não só dos significados veiculados pela língua, mas também de outros parâmetros extralinguísticos socioculturais que compõem a situação de comunicação, inclusive o saber prévio do tradutor; essas escolhas são o desfecho de um complexo processo de leitura crítica, compreensão, interpretação e reformulação do texto e de cada uma de suas partes; 2. transmissão do conteúdo informativo, notional e emocional veiculado pela língua de partida; 3. a atualização semântica é textual e intertextual
Competência requerida ou a desenvolver	Competência linguística: a tradução opera no nível da língua; desenvolvimento da capacidade de manuseio e de comparação das línguas; do saber sobre o funcionamento dos dois sistemas, os meios que cada um utiliza para expressar experiências, emoções, pensamentos, recortar o mundo...	Competência comunicativa: a tradução opera no nível da fala; o desenvolvimento da competência comunicativa implica a aquisição da competência linguística, além de outros, como a discursiva (uso das regras de organização do discurso), a sociocultural (uso das regras sociais e normas de interação) que permitem a interpretação do significado social dos enunciados, de acordo com a intenção de seu autor; Aprender a fazer convergir a capacidade linguística com a situação de fala.

Fundamentação teórica	1. Linguística contrastiva; 2. estilística comparada.	1. A Teoria interpretativa da tradução; 2. abordagem comunicativa do ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras; 3. novas correntes linguísticas de Análise do discurso, Linguística de textos, interação verbal...
Processo de tradução	Operação mecânica global podendo comportar: 1. Leitura do texto, geralmente parcial ou mesmo inexistente; 2. recorte do material linguístico em unidades de tradução (UT, ou seja, o menor segmento constituído por palavras cuja coesão é tal que não podem ser traduzidas separadamente); 3. reformulação das unidades de tradução ou dos enunciado que compõem o texto de partida, como se fossem segmentos semanticamente independentes uns dos outros. Esta fase transcorre em geral concomitantemente ou, até mesmo, anteriormente à da compreensão do enunciado reformulado. Em alguns casos a tradução /reformulação do segmento é oferecida, sem que haja, sequer, compreensão linguística do mesmo.	Processo cognitivo, reflexivo e interativo constituído de fases distintas e sucessivas: 1. Leitura crítica do texto; 2. compreensão textual, incorporando a análise do discurso (análise do para-texto, e do texto, extração das ideias e das palavras-chaves, organização das ideias, estrutura textual, identificação da intenção comunicativa do autor pela análise da linguagem, avaliação do nível estilístico, dos recursos retóricos reveladores da harmonia da forma e do conteúdo); 3. na fase de interpretação textual, há junção e síntese dos significados semânticos das palavras, de elementos extralinguísticos contextuais que participam do esquema de comunicação (Jakobson) e são inseparáveis dos fatos de linguagem e de complementos oriundos da bagagem cognitiva do leitor: saber prévio temático, intertextual, conceptual, regras de interação social, convenções de linguagem...; 4. a reescrita textual é condicionada por todos esses elementos do processo de tradução; eles determinam a negociação dos sentidos do texto e regulam sua reformulação, isto é, a escolha sistemática e rigorosa dos recursos formais e das equivalências discursivas e textuais do texto de chegada.

Conceito de linguagem subjacente	4. o tradutor recorre à operação de tradução linguística, também chamada de transcodificação por Seleskovitch e Lederer, que consiste na substituição das palavras ou expressões da língua de partida por palavras ou expressões consideradas correspondentes, e na adaptação morfosintática do texto produzido às regras/normas da língua de chegada.	Linguagem é interação, discurso, experiência textual; a linguagem se manifesta dentro de uma rede de relações sociais, pela interação da fala e da escrita, e implica uma situação de comunicação; os discursos são os modos de falar organizados sistematicamente pelos agentes sociais (Fairclough). Envolvem condições sociais que remetem a diferentes níveis contextuais de organização social (situacional ou imediata, institucional, societal); o discurso é o processo social de interação que inclui o processo de interpretação e o processo de produção textual; o texto é o produto desse processo intermediado pela língua (Fairclough); É uma unidade complexa, constituída de sentidos. É produzido e recebido em contexto situacional e interacional. Apresenta as marcas linguísticas e organizacionais (institucionais) do discurso que o caracteriza.
Conceito de tradução subjacente	Extração e transporte de significados entre duas línguas. O transporte da palavra significativa	Reescrita de um texto na língua de chegada, geralmente a língua materna do tradutor, reconstruindo suas unidades de sentido, como frutos de

<p>automaticamente o transporte do significado. Não cabe ao tradutor interferir na relação entre palavra e significado.</p>	<p>uma negociação entre as possibilidades e as exigências da língua de chegada; a intenção comunicativa do autor original; o conteúdo informativo, notional e emocional do texto de partida, os elementos da situação de produção e de recepção do texto original e do texto traduzido.</p>
---	---

4. Conclusão

A tradução, na aula de língua, é ainda vista com muita desconfiança. Fora do contexto do ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras, a importância da atividade é reconhecida nos mais diversos setores da vida econômica e cultural. Seu exercício é reconhecido como instrumento de desenvolvimento intelectual, e a reflexão sobre a tarefa do tradutor esta animando os debates dos estudiosos das relações de identidade e de identidade cultural, das questões relacionadas à interação social, à prevenção e à luta contra a intolerância e o preconceito. A tradução não é uma atividade isolada. Ela se desenvolve associada a diferentes gêneros e tipos textuais, importando novos valores e formas de expressões que podem influenciar ou mesmo transformar as culturas e línguas de recepção.

Por isso, os cursos de língua estrangeira não podem mais ignorar nem discriminar a prática da tradução como tarefa pedagógica. Mas, antes de tudo, os agentes de ensino devem conscientizar-se de que seu modo tradicional de traduzir, isto é a operação de substituição de segmentos de uma língua por outros da outra língua pouco

tem a ver com a verdadeira tradução, isto é a que corresponde à tarefa do tradutor profissional, com função comunicativa e sócio-cultural, centrada na compreensão, interpretação e reformulação do sentido das mensagens informativas, notacionais, emocionais, sócio-culturais, estéticas, ideológicas.

A tradução linguística e a tradução interpretativa ou comunicativa são operações totalmente distintas. Os objetivos, o próprio objeto da tradução são outros. A tarefa do tradutor/mediador da comunicação interlinguística e o processo de tradução, essencialmente cognitivo, evidenciado durante seu trabalho exigem o desenvolvimento de diversas competências, além da linguística.

Como qualquer outra modalidade de linguagem, a tradução é, antes de tudo, um ato de comunicação e de interação sócio-cultural. Esta função não aparece na aula de línguas porque os professores, em seu curso de formação, adquirem uma visão da língua demasiadamente vinculada a sua descrição linguística e a manipulação de estruturas descontextualizadas.

A tradução interpretativa, porque se aplica a textos e a situações autênticas de comunicação interlinguística e de

trocas em diferentes domínios, requer, por parte do tradutor, o conhecimento, não só das línguas, mas também dos modos de pensamento e de funcionamento das comunidades emissora e receptora, e ainda dos assuntos específicos referidos no texto original. Além disso, pede uma reflexão e uma avaliação dos meios ou dos procedimentos mais adequados para uma mediação eficaz e responsável dessas trocas.

Dados da pesquisa mostram que, em disciplinas fundamentais do curso de Letras, professores e estudantes tendem a recorrer a língua em palavras, sintagmas, estruturas, frases. O texto não é reconhecido como a constituição de um processo social de interação, interpretação e produção de sentidos. As unidades recortadas, que constituem elas de uma estrutura discursiva e textual, são transformadas em meros objetos lexicais morfossintáticos e semânticos, independentes entre si, a transportar de uma língua para outra. Por isso, a restituição da mensagem textual, que é o verdadeiro objeto da tradução, é parcial e distorcida.

A visão logocêntrica da língua, condenada por Arrojo (1986), emerge do processo de tradução linguística, que se assmilia ao transporte de significados entre duas línguas. Esta concepção de linguagem se manifesta quando, na tradução, o texto é tratado como um conjunto de palavras que veiculam informações, sentimentos, emoções; o tradutor acredita então que sua tarefa consiste em transportar esses significados de uma língua para outra, sem interferência pessoal, garantindo assim a restituição integral do conteúdo pretendido pelo autor do texto original.

Acredita ainda que existe um sentido literal inerente à palavra, independente de qualquer contexto e que o transporte da palavra implica automaticamente o transporte do significado. O enfoque linguístico dado à operação de tradução pelos agentes de ensino de línguas observados durante a pesquisa é uma demonstração da convicção, que eles ainda têm, de que o acesso ao sentido dos textos estrangeiros pode se dar por via da literalidade e da "transcodificação".

A tradução interpretativa, aplicada a textos autênticos, pode favorecer a substituição do estudo da língua centrado nos componentes lexicais e gramaticais por uma nova abordagem de leitura e produção textual focada no sentido textual, nas funções comunicativas da linguagem e dos procedimentos discursivos. A tradução interpretativa requer uma análise prévia do discurso e do texto a traduzir para a captura dos sentidos subjacentes às formas e às significações das palavras ou dos segmentos linguísticos, para o reconhecimento das relações entre a construção do texto, a escolha dos recursos formais retóricos e as intenções comunicativas do autor do texto. Este deve aparecer ao aluno como uma unidade de sentido, e não mais como uma sucessão de unidades de tradução. A pedagogia da tradução não pode se basear na memorização ou na busca de pares de equivalências. Deve ter uma abordagem heurística, visando a captura dos sentidos com o objetivo de levar o aluno a compreender o processo de tradução e a oferecer conscientemente, as operações mentais necessárias à apreensão do sentido.

Referências bibliográficas

- ARROJO, R. *Oficina de Tradução – A Teoria na Prática*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- DELISLE, J. *L'Analyse du discours comme méthode de traduction*. Ottawa: Presses de l'Université d'Ottawa, 1980.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis*. London: Longman, 1995.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales*. Tome 1, Paris: Armand Colin, 1981.
- LADMIRAL, J.R. *Traduire: théorèmes pour la traduction*. Paris: Payot, 1979.
- LAVAILLÉ, E. *Fonction de la traduction en didactique des langues*. Paris: Didier, 1998.
- LEDERER, M. *La traduction aujourd'hui*. Paris: Hachette, 1994.
- MOIRAND, S. 'Approche globale des textes'. *Etudes de Traduction*, n. 23. Paris: Hachette, 1979.
- PERGNIER, M. *Les fondements sociolinguistiques de la traduction*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1993.
- SELESKOVITCH, D. & M. Lederer. *Interpréter pour traduire*. Paris: Didier-Erudition, 1984.
- STERN, H. H. 'The Communicative activities syllabus. Issues and Options in Language Teaching'. Oxford: Oxford University Press, pp. 174-204, 1992.
- VINAY, J-P & J. DARBELNET. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier, 1958.